



MÃO DE

LUJA

Dhyan Shatasa

Goiânia - 2013

Capa, diagramação e revisão
Dhyan Shanasa

Para mais informações sobre o autor acesse:
www.dhyanshanasa.blogspot.com

Ao adquirir um livro você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar boas ideias em realidade e trazê-las até você.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser copiada ou reproduzida por qualquer meio impresso, eletrônico ou que venha a ser criado, sem o prévio e expresso consentimento do autor.

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

Tori – Tunes – Lerthäël; são o mesmo.

Anotação em canto de página, Janeiro de 1999.

I

Na Primeira Época do Segundo Ciclo de Múrios houve um vilarejo, na orla da Grande Floresta, quase nos sopés das Imensas Colinas, perdido na memória, por ser muito antigo, distante no tempo e por isso esquecido. Verde-campo foi seu nome, pois logo além da orla da mata que o circundava jazia uma vasta planície que naquele tempo chamavam Campo Verde e que se estendia até sumir de vista no horizonte. Verde-campo não era nada grande, e embora uma boa quantidade de pessoas vivessem por lá, não tinha avenidas, tampouco estradas pavimentadas; não possuía riquezas e muito menos governante, posto que nesta época a Capital havia caído.

Contudo, era um vilarejo famoso por muitos lados por conta dos exímios ferreiros que de lá surgiam. De fato, essa era a coisa mais notável em Verde-campo: os Ferreiros. Não meros ferreiros como costumamos ver forjando ferraduras para cavalos e sim perfeitos artesãos na arte da forja, que era muito valorizada por aquelas bandas.

Existia uma grande oficina que todos os anos realizava para os habitantes um festival que apresentava

um novo artefato ou invenção do Mestre-Ferreiro. A oficina era enorme, feita do mais puro carvalho e grandes portas de pinos, ocupando um lugar de destaque na arquitetura modesta do lugar. Ficava bem ao centro de Verde-campo, em frente a um belo chafariz que já não cuspia água, na curva do caminho Direito, de frente ao Rio e ao lado da pacata estalagem Meio Caminho Andado.

A tradição dos ferreiros era antiga, passada ano após ano dos Mestres para aprendizes, e chamavam-na o *Festival da Forjadura*; e muitos que habitavam a região vinham para vê-lo. Mas para que o festival pudesse ocorrer de fato, necessitava-se de um Mestre-Ferreiro, e este por sua vez escolhia um aprendiz entre os jovens da vila para ajudá-lo. Tinha de ser planejado muito tempo antes, pois durava três dias e aconteciam muitas festividades e dança, cantoria também para os mais afinados e, na despedida, o Mestre apresentava sua nova criação. Em geral, essas invenções faziam-se de utensílios comuns, forjados com labor e dificuldade, mas que encantava aquela tacanha e fazia-os crer no mágico.

Nesta época, o Mestre-Ferreiro era um homem sábio e sério, e já ocupava o cargo há três décadas e meia, sendo que logo seria substituído por seu aprendiz. No entanto, não possuía nenhum, o que era uma coisa muito comentada entre as senhoras do vilarejo, pois era costume o Mestre escolher um aprendiz por ano e ensinar-lhe tudo que lhe era possível até a época do festival, para que no fim de sua carreira escolhesse entre todos, o melhor.

- Ainda não encontrei nenhum que me tenha impressionado. - dizia o Mestre quando lhe questionavam sobre o assunto.

O Mestre-Ferreiro costumava sair de férias, ou viajar para longos passeios, e às vezes ficava por semanas fora. Não tinha o feitio de dar satisfações a quem fosse e